

17-12-2020

Na crista da onda: navegar via Radis na maré de informações sobre a Covid-19

Fagner Luiz Lemes Rojas

[Mestre em Educação. Doutor em Saúde Coletiva.
Professor Adjunto da FACIS (UNEMAT- Diamantino)]

A formação de opinião em torno do Coronavírus (Covid-19) encontra interessantes pistas em alguns números temáticos da Revista Reunião, Análise e Difusão de Informações sobre Saúde ([Radis](#)), periódico mensal da ENSP/Fiocruz.

Na chamada de agosto da [Radis](#) “O valor da Universidade”, ciência para quê, para quem? Fica a dúvida! Na atual conjuntura brasileira, o cenário é temeroso e cristalizado. A polarização política nos força a nos enquadrarmos em direita ou esquerda em um imaginário social de prós e contra. Remete a uma produção fabril arcaica de ‘pensadores negacionistas’ que têm um único objetivo: silenciar os fatos e negar as evidências que ecoam através da ‘voz da ciência’. Chegamos ao absurdo! É um esforço de “Resistir para continuar a existir” ([Radis 204](#)).

A rede científica constituída pelas agências de fomento e instituições de ensino públicas são atacadas com revogações de portarias e desfinanciamento deixando manco o tripé - ensino, pesquisa e extensão -. Afinal, já era de se esperar, porque as pastas ministeriais da ciência e tecnologia, educação e saúde foram relegadas aos ‘adoradores da terra plana’ que questionam: são essenciais ou desnecessárias?

Gastos públicos ou investimento social? O primeiro alerta! Há um patógeno à solta, ele é sorrateiro, nefasto e ataca frontalmente o projeto de “Democracia que não se construiu” ([Radis 205](#)). Antes da pandemia a sociedade já estava acometida por um miasma que enfraquecia e deixava a mentalidade capenga. A doença impactava o projeto sofrido de acesso e garantia ao exercício dos direitos sociais, porque nunca compreendeu que somos “Nós, os vulneráveis” ([Radis 212](#)) e nunca entendeu que o SUS não é apenas um projeto de saúde do povo, o “SUS é uma revolução” ([Radis 207](#)).

O Alerta Global da Covid-19, com a chamada: “Emergência internacional...” ([Radis 210](#)) destaca, sem dúvidas, o grito que clama por ‘independência das instituições de Estado’ para poder trabalhar coordenadamente e atender a sociedade. Opa! Temos uma emergência!!! É um Deus nos acuda! A pandemia nos condicionou à reclusão social, aclarou a exclusão social e despertou o alarde da iminência de vida e morte. A notícia mais do que nunca é compartilhada e acompanhamos pelos canais de comunicação as centenas de milhares de vidas ceifadas, assim como a dedicação dos “Heróis de carne e osso” ([Radis 213](#)), profissionais que atuam na linha de frente que

enfrentam “incertezas, solidão, riscos e trabalho exaustivo”. Será que há clareza desse cenário de trincheiras em que é travada uma guerra com um vírus invisível e de sujeitos vistos a ‘olho nu’, mas invisibilizados? Temos espaço para compartilhar “A dor da gente...” ([Radis, 214](#)). O que fazemos com todas essas informações? Há zelo de checá-las?

Há preocupação em filtrar as mensagens recebidas e compartilhadas? A questão crucial: existe alguma produção de conhecimento considerando tudo isso? O fato é!... as mídias sociais têm ganhado status de propagadoras e acelerado à disseminação de informações que tem contribuído de forma positiva e/ou negativa quanto à produção de informação e desinformação ocorrida a partir do compartilhamento de mensagens via web.

Lavem as mãos! É na palma dela que temos uma ferramenta que possibilita o acesso a informações que podem contribuir relevantemente?

A reflexão proposta pelo texto não exclui o direito ou a autonomia de compartilhar conteúdos de mensagens na web, muito pelo contrário!

Mas, questiona sobre o protagonismo em informar-se o que oscila entre o ora benéfico, ora nefasto.

Ao propagar informações não providas dos boletins oficiais ou fontes confiáveis pode causar alardes e efeitos deletérios de impacto direto aos profissionais de saúde e a própria sociedade.

Na sua singularidade, instruir-se é inerente a exercer cidadania com consciência social. Agir com consciência é imunizar-se contra a pandemia das “fake news” e a inconseqüência de replicar informações que são um desfavor à saúde pública.

Temos que reagir, ou será que estamos anestesiados e ficamos indiferentes ao “Sofrimento...”? ([Radis 217](#)). São águas turvas e em maré contrária. A face da democracia está se afogando no espelho d’água do Palácio do Planalto e não encontramos um porto seguro na “A corrida pela vacina” ([Radis 216](#)). Eis a dúvida! “Quem tem medo da vacina?” ([Radis 196](#)).

Os governos federal e estadual se digladiam num discurso politiquero. Sem dúvidas, não estamos todos no mesmo barco, porque nesse oceano de incertezas, enquanto alguns navegam em lanchas luxuosas, outros se equilibram em voadeiras. Proclamamos: queremos “saúde a bordo” ([Radis 211](#)). A quem recorrer?

É um salve-se quem puder! Há terra à vista no “SUS que dá certo”? É um naufrágio?

Talvez alguém jogue a boia ou um bote salva-vidas. Sejamos astutos e confiantes, vamos sobreviver.

continua

<p>Antes da próxima tormenta de segunda, terceira e tantas outras ondas que possam surgir, precisamos construir os saberes e as formas de navegar para salvarmo-nos e acolhermo-nos. Para abarcar tod@s @s brasileir@s, há de ser do “<i>Tamanho universal</i>” do SUS (Radis 219).</p> <p>A esperança é que emerjam espaços dialógicos e democráticos que estejam afinados às capturas das interações do cotidiano junto às mídias sociais que, mais do que nunca, são instituintes de processos (políticos) de aprender a aprender. Naveguemos por águas confiáveis, afinal a situação não se trata apenas de uma “gripezinha” que está acabando e as respostas efetivas não virão através de um governo em que a confiabilidade cabe dentro de uma caixa de cloroquina.</p>	<p>Dedico este texto aos meus colegas pesquisadores pesquisadoras, professores e professoras das instituições de ensino públicas que, mesmo atacados diuturnamente, são aguerridos e resistem. Todos eles e elas constituem a respeitada rede de ensino e pesquisa, sustentáculo da ciência brasileira. À revista Radis/Fiocruz destaco o zelo de produzir e divulgar informações primorosas.</p> <p>A cada vida ceifada pela desinformação sobre a Covid-19 naufragou um pedaço irreparável da nossa história. Em homenagem aos mato-grossenses que se foram, saúdo ao modo do linguajar cuiabanês</p> <p><i>“agora o quequeesse! Bonito prô cê, põe máscara na tchá cara!”.</i></p> <p>Sigamos nos cuidando e cuidando uns dos outros. ■■■</p>
<p><small>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</small></p>	